

Disciplina: **PORTUGUÊS**

Prova: **DESAFIO**

NOTA:

PARA QUEM CURSA O 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM 2019

Meu engraxate

É por causa do meu engraxate que ando agora em plena desolação. Meu engraxate me deixou. Passei duas vezes pela porta onde ele trabalhava e nada. Então me inquietei, não sei que doenças mortíferas, que mudança pra outras portas se pensaram em mim, resolvi perguntar ao menino que trabalhava na outra cadeira. O menino é um retalho de húngarês, cara de infeliz, não dá simpatia alguma. E tímido, o que torna instintivamente a gente muito combinado com o universo no propósito de desgraçar esses desgraçados de nascença. "Está vendendo bilhete de loteria", respondeu antipático, me deixando numa perplexidade penosíssima: pronto! Estava sem engraxate! Os olhos do menino chispeavam ávidos, porque sou dos que ficam fregueses e dão gorjeta. Levei seguramente um minuto pra definir que tinha de continuar engraxando sapatos toda a vida minha e ali estava um menino que, a gente ensinando, podia ficar engraxate bom.

(Mário de Andrade, *Os filhos da Candinha*)

QUESTÃO 1

Ao constatar que o engraxate o havia deixado, o narrador sentiu

- a) raiva incontrolável.
- b) certo inconformismo.
- c) total desamparo.
- d) indignação profunda.
- e) saudade exacerbada.

QUESTÃO 2

Em "Passei duas vezes pela porta onde ele trabalhava e nada", a expressão sublinhada poderia ser substituída por:

- a) não o reconheci.
- b) ele não me reconheceu.
- c) fingimos não nos ver.
- d) não o vi.
- e) ele não me viu.

QUESTÃO 3

Em “Então me inquietei, não sei que doenças mortíferas, que mudança pra outras portas se pensaram em mim”, o narrador revela que

- a) teve vontade de morrer ou sumir.
- b) passaram por sua cabeça pensamentos perturbadores.
- c) se pôs a investigar calmamente o sumiço do engraxate.
- d) ficou irado e desejou que o engraxate tivesse morrido.
- e) ficou calado e adivinhou o que ocorrera com o engraxate.

QUESTÃO 4

Examine atentamente as afirmações seguintes.

- I. De início, o narrador nutre pelo “menino que trabalhava na outra cadeira” sentimentos negativos, de antipatia e repulsa.
- II. O narrador inicia o diálogo com o “menino que trabalhava na outra cadeira” na expectativa de que se transforme em seu novo engraxate.
- III. O narrador teve pena do “menino que trabalhava na outra cadeira”; por isso, tentou iniciar uma conversa com ele.

É correto o que se afirma

- a) apenas em I.
- b) apenas em II.
- c) apenas em III.
- d) apenas em I e II.
- e) em I, II e III.

QUESTÃO 5

A resposta do menino provocou no narrador

- a) surpresa pelo sumiço inesperado de seu engraxate.
- b) indignação pela maneira ríspida e indiferente do interlocutor.
- c) alívio por saber que seu engraxate estava vivo, realizando outro trabalho.
- d) desnorreio por antever que não poderia mais contar com os serviços do engraxate.
- e) irritação por ter sido abandonado pelo engraxate sem qualquer aviso.

QUESTÃO 6

“Os olhos do menino chispeavam ávidos, porque sou dos que ficam fregueses e dão gorjeta.”

O trecho acima indica que o menino demonstrou

- a) toda a raiva que sentia do engraxate que prestava serviços ao narrador.
- b) certa pena de o engraxate do narrador ter perdido suas gorjetas.
- c) desejo de receber uma gorjeta por ter fornecido uma informação ao narrador.
- d) contrariedade por ter de fornecer informações sobre seu concorrente.
- e) desejo ardente de prestar serviços de engraxate ao narrador.

QUESTÃO 7

Ao afirmar “Levei seguramente um minuto pra definir...”, o narrador demonstra

- a) ter ficado confuso diante da situação.
- b) surpreender-se por ter tomado uma decisão tão rapidamente.
- c) admirar-se do próprio senso prático.
- d) orgulhar-se por ser uma pessoa decidida.
- e) arrepender-se de ter ficado preocupado com um problema tão trivial.

QUESTÃO 8

Qual das observações do narrador sobre o menino lhe poderia sugerir a possibilidade de ele vir a ser um bom engraxate?

- a) Menino que trabalha na outra cadeira.
- b) Retalho de húngarês, cara de infeliz, não dá simpatia alguma.
- c) Tímido.
- d) Respondeu antipático.
- e) Os olhos do menino chispeavam ávidos.

Texto para a questão 9.



(Disponível em: <<http://www.putsgriilo.com.br/humor/fotos-frases-e-imagens-engracadas-para-facebook/>>.)

QUESTÃO 9

A charge acima, faz uma crítica bem-humorada em relação

- a) à modernidade das cerimônias religiosas.
- b) ao casamento como instituição imutável.
- c) à cerimônia de casamento como um ritual ultrapassado.
- d) ao uso de eletrônicos pelos convidados durante a cerimônia.
- e) ao exagero quanto ao uso da tecnologia no dia a dia.

Texto para as questões de **10 a 12**.

SEU CELULAR ANDA MEIO MALUCO? CUIDADO, ELE PODE ESTAR COM VÍRUS

A bateria do celular está durando menos do que o previsto pelo fabricante, mesmo quando você não fica horas pendurado nele? De vez em quando, aparecem algumas mensagens multimídia esquisitas, o aparelho fica desconfigurado e tentando se conectar via Bluetooth com outros celulares?

Se você respondeu “sim” para algumas das perguntas acima, é melhor tomar cuidado. Seu celular pode estar com vírus.

Mesmo se você respondeu “não”, fique esperto. Desde 2004 — quando o primeiro vírus para celular foi descoberto— até o ano passado, o número de pragas para celulares cresceu mais de 1.000%, segundo a empresa de segurança F-Secure. O seu aparelho pode ser o próximo a ser contaminado.

Hoje, já são contabilizados 362 tipos de vírus. A maioria deles (80%) são cavalos de troia. Spams e spywares, ao contrário do que se possa imaginar, são minoria (4%). Na mira das pragas, estão os celulares com tecnologia Bluetooth — responsável por 70% das contaminações— e as mensagens multimídia (MMS).

Então, antes de sair por aí colocando a culpa na operadora, no fabricante do aparelho ou na tecnologia pelas maluquices do seu celular, confira se o seu aparelho foi infectado e aproveite as dicas para manter o seu celular livre de pragas.

(Cintia Baio e Lilian Ferreira. *UOL Tecnologia*. Disponível em:

<<http://tecnologia.uol.com.br/proteja/ultnot/2008/01/23/ult2882u34.jhtm>>. Acesso em: 18 abr 2015.)

QUESTÃO 10

O texto acima tem por finalidade

- a) criticar o uso da tecnologia *Bluetooth* em aparelhos celulares.
- b) conscientizar as pessoas a não transmitirem vírus via aparelho celular.
- c) informar as pessoas sobre a existência de vírus que atacam celulares.
- d) divulgar uma campanha contra o vírus cavalo de troia.
- e) orientar os fabricantes de celulares sobre como evitar vírus nesses aparelhos.

QUESTÃO 11

Segundo o texto,

- a) a pouca duração da bateria pode indicar presença de vírus no celular.
- b) o número de pragas para celulares cresceu menos de 1000% desde 2004.
- c) a maioria dos tipos de vírus encontrados em celulares é de *spams* e *spywares*.
- d) a maioria das pragas responsáveis por 70% da contaminações é transmitida pelas operadoras.
- e) as mensagens multimídia (MMS) não apresentam perigo de contaminação por vírus.

QUESTÃO 12

Observe as frases a seguir:

- I. “Hoje, já são contabilizados 362 tipos de vírus”.
- II. “Então, antes de sair por aí colocando a culpa na operadora, no fabricante do aparelho ou na tecnologia pelas maluquices do seu celular, confira se o seu aparelho foi infectado”.

Os trechos indicam, respectivamente,

- a) fato / finalidade.
- b) fato / causa.
- c) fato / oposição.
- d) fato / opinião.
- e) causa / consequência.

Texto para as questões de 13 a 15.

DIMINUTIVOS

Sempre pensei que ninguém batia o brasileiro no uso do diminutivo, essa nossa mania de reduzir tudo à mesma dimensão, seja um cafezinho, um cineminha ou uma vidinha. Só o que varia é a inflexão da voz. Se alguém diz, por exemplo, “Ó vidinha!” você sabe que ele está se referindo a uma vida com todas as mordomias. Nem é uma vida, é um comercial de cigarro com longa metragem. Um vidão. Mas se disser “Ah vidinha...” o coitado está se queixando dela e com toda a razão. Há anos que o seu único divertimento é tirar sapatos e fazer xixi. Mas nos dois casos o diminutivo é usado com o mesmo carinho.

O francês tem o seu tout petit peu, que não é um diminutivo, é um exagero. Um “pouco todo pequeno” é muita explicação para tão pouco. Os mexicanos usam o poco, o poquito e – menos ainda do que o poquito – o poquetim! Mas ninguém bate o brasileiro.

Era o que eu pensava até o dia, na Itália, em que ouvi alguém dizer que alguma coisa duraria um mezzoretto. Não sei se a grafia é essa mesma, mas um povo que consegue, numa palavra, reduzir uma meia hora de tamanho – e você não tem nenhuma dúvida de que um mezzoretto dura os mesmos 30 minutos de uma meia hora convencional, mas passa muito mais depressa – é invencível em matéria de diminutivo.

O diminutivo é uma maneira ao mesmo tempo afetuosa e precavida de usar a linguagem. Afetuosa porque geralmente o usamos para designar o que é agradável, aquelas coisas tão afáveis que se deixam diminuir sem perder o sentido. E precavida porque também o usamos para desarmar certas palavras que, na sua forma original, são ameaçadoras demais.

Operação, por exemplo. É uma palavra assustadora. Pior do que intervenção cirúrgica, porque promete uma intromissão muito mais radical nos intestinos. Uma operação certamente durará horas e os resultados são incertos. Suas chances de sobreviver a uma operação... sei não. Melhor se preparar para o pior.

Já uma operaçãozinha é uma mera formalidade. Anestesia local e duas aspirinas depois. Uma coisa tão banal que quase dispensa a presença do paciente.

– Alô, doutor? Olha, aquele meu quisto no braço direito que nós íamos tirar hoje? A operaçãozinha?

– Sim.

– Não vou poder ir, mas o Asdrúbal vai no meu lugar.

– O Asdrúbal?

– Meu assistente direto aqui na firma. Homem de confiança.

– Mas ele vai fazer a operaçãozinha por você?

– Ele é o meu braço direito, doutor.

Se alguém disser que precisa ter uma conversa com você, cuidado. É coisa da maior importância. Os próprios destinos do Pacto do Atlântico podem estar em jogo. Uma conversa é sempre com hora marcada.

Já uma conversinha raramente passa do nível da mais cândida inconsequência. E geralmente é fofoca. A hora para uma conversinha é sempre qualquer hora dessas.

Num jogo você arrisca tudo, até a hora. Num joguinho aceita-se até o cheque frio.

Entre ter um caso e ter um casinho a diferença, às vezes, é a tragédia passional.

No Brasil, usa-se o diminutivo principalmente com relação à comida. Nada nos desperta sentimentos tão carinhosos quanto uma boa comidinha.

– Mais um feijãozinho?

O feijãozinho passou dois dias borbulhando num daqueles caldeirões de antropófagos com capacidade para três missionários. Leva porcos inteiros, todos os miúdos e temperos conhecidos e, parece, um missionário. Mas a dona da casa o trata como um mingau de todos os dias.

– Mais um feijãozinho?

– Um pouquinho.

– E uma farofinha?

– Ao lado do arrozinho?

– Isso.

– E quem sabe uma cervejinha?

– Obrigadinho.

O diminutivo é também uma forma de disfarçar o nosso entusiasmo pelas grandes porções. E tem um efeito psicológico inegável. Você pode passar horas tomando cervejinha em cima de cervejinha sem nenhum dos efeitos que sofreria depois de apenas duas cervejas.

– E agora, um docinho.

E surge um tacho de ambrosia que é um porta-aviões.

(Luis Fernando Veríssimo. *Diminutivos*. Comédia da vida privada. 101 crônicas escolhidas.

Porto Alegre: LP&M, 1994.)

QUESTÃO 13

A ideia central do texto é mostrar que os diminutivos são usados como

- a) indicadores de aspectos negativos.
- b) recursos expressivos de linguagem.
- c) indicadores de aspectos pejorativos.
- d) recurso para camuflar o que realmente quer dizer.
- e) indicadores de pequenez.

QUESTÃO 14

A linguagem empregada no texto foi usada com a finalidade de

- a) mostrar que os diminutivos não são usados apenas no Brasil.
- b) expressar os sentimentos do autor por coisas e pessoas.
- c) verificar se a comunicação foi ou não estabelecida.
- d) discorrer sobre a realidade da língua portuguesa no Brasil.
- e) falar sobre a própria linguagem.

QUESTÃO 15

No trecho “Sempre pensei que ninguém batia o brasileiro no uso do diminutivo...”, o autor revela sentimento de

- a) surpresa.
- b) revolta profunda.
- c) indignação.
- d) resignação.
- e) indiferença.